

MÔNICA DE NAZARÉ FERREIRA DE ARAÚJO
MARIA AMANDA DE VASCONCELOS

CARTILHA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

(VOLUME 1)



CARTILHA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Reitor	Prof. Dr. Fernando Carvalho Silva
Vice-Reitor	Prof. Dr. Leonardo Silva Soares



EDITORIA DA UFMA

Diretora	Dra. Suênia Oliveira Mendes
Conselho Editorial	Prof. Dr. Antônio Alexandre Isídio Cardoso Prof. Dr. Elídio Armando Exposto Guarçoni Profa. Dra. Ana Caroline Amorim Oliveira Prof. Dr. Márcio José Celeri Profa. Dra. Diana Rocha da Silva Profa. Dra. Gisélia Brito dos Santos Prof. Dr. Edson Ferreira da Costa Prof. Dr. Marcos Nicolau Santos da Silva Prof. Dr. Carlos Delano Rodrigues Prof. Dr. Felipe Barbosa Ribeiro Profa. Dra. Maria Aurea Lira Feitosa Prof. Dr. Flávio Luiz de Castro Freitas Bibliotecária Iole Costa Pinheiro Prof. Dr. José Ribamar Ferreira Junior



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias

Associação Brasileira das Editoras Universitárias

**MÔNICA DE NAZARÉ FERREIRA DE ARAÚJO
MARIA AMANDA DE VASCONCELOS**

CARTILHA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA

(VOLUME 1)

SÃO LUÍS



**EDLIFMA
2024**

Copyright © 2024 by EDUFMA

Projeto Gráfico, Diagramação, Capa e Design MARIA AMANDA DE VASCONCELOS
ALEXANDRE BURITY

Revisão IBRAHIM MANSUR DE AZEVEDO SAID

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Cartilha de Turismo de base comunitária / Organizadoras:

Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo, Maria Amanda de Vasconcelos. — São Luís:
EDUFMA, 2024.

e-book 30 p: PDF.
Inclui bibliografia.

Cartilha elaborada pelo Grupo de Pesquisa em Turismo e Desenvolvimento Comunitário e
discentes do curso de Turismo, da Universidade Federal do Maranhão. Capa de Alexandre
Buruty.

ISBN: 978-65-5363-393-3

1. Turismo de base comunitária. 2. Turismo - Maranhão. 3. Turismo - Planejamento. I.
Título. II. Araújo, Mônica de Nazaré Ferreira de. III. Vasconcelos, Maria Amanda de. IV.
Buruty, Alexandre.

CDD 338.479 1
CDU 380.8(812.1)

Bibliotecária: Hercília Jeane Oliveira - CRB 13/627

PRODUZIDO/CRIADO NO BRASIL [2024]

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser
reproduzida, armazenada em um sistema de recuperação ou
transmitida de qualquer forma ou por qualquer meio, eletrônico,
mecânico, fotocópia, microimagem, gravação ou outro, sem permissão
do autor.

| EDUFMA | EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Av. dos Portugueses, 1966 | Vila Bacanga

CEP: 65080-805 | São Luís | MA | Brasil

Telefone: (98) 3272-8157

www.edufma.ufma.br | edufma.sce@ufma.br

Apresentação

Esta cartilha é um instrumento pedagógico que tem como objetivo complementar, no decorrer da realização de nossos projetos nas comunidades, explicar as definições e processos de TBC, além de poderem acessar ferramentas úteis ficando, assim, aptos para desenvolver um projeto de sucesso de TBC e textos adicionais sobre segurança turística e bioeconomia. Essa modalidade é muito importante para tornar possível a inclusão econômica e social de grupos tais como os agricultores familiares, artesãos, quilombolas, indígenas, ribeirinhos, assentados e, também, para a conservação da sociobiodiversidade e dos modos de vida tradicionais.

No Brasil e em outras partes do mundo, como América Latina e África, existem já iniciativas desse modelo de turismo que está funcionando muito bem. O estado do Maranhão, por sua vez, apresenta um significativo potencial para o TBC, e tem demonstrado isso em algumas iniciativas promissoras. No entanto, ainda carece de determinadas ações concretas para que este possa vingar plenamente com base em seus princípios.

Esperamos que esta cartilha lhe seja útil e lembre-se que antes de implementar esse modelo de gestão turística em sua comunidade é preciso desenvolver um planejamento participativo com várias etapas, se assim você decidir junto com outros comunitários a viabilidade dessa empreitada. Além disso, estamos abertos a consultas e agradecemos o apoio da Instância de Governança Regional Lençóis & Delta (Maranhão).

Apresentação

A presente cartilha foi elaborada a partir do conteúdo do livro-guia Turismo Comunitário: intercâmbio amazônico (2021), uma iniciativa do programa Paisagens Sustentáveis da Amazônia (ASL) financiado pela Global Environment Facility (GEF), e uma das autoras deste documento, Mônica de Nazaré de Araújo, foi uma das conteudistas e revisora técnica.



Povoado Betânia, Santo Amaro do Maranhão,
Parque Nacional dos Lençóis Maranhenses

Sobre nós

Esta cartilha se constitui de um esforço conjunto de iniciativas do Grupo de Pesquisa em Turismo e Desenvolvimento Comunitário do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão/CNPQ, sob a liderança da professora Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo e dos discentes do curso de Turismo: Maria Amanda de Vasconcelos, Leticia Aguiar Gadelha, Daniel Sthevam da Conceição Alves, Thalyson Kwan Ribeiro de Sousa, Rayssa Salazar Rodrigues Barros, Hudson Bianckinni Serra Gusmão, Cleilton Barros Silva, Alexandre Burity (autor da Capa), Caroline Medeiros dos Santos, Janna Kalyte Moreira de Castro e Melissa Cadete Azevedo.

Sem dúvida, nos dedicamos com empenho para que este trabalho conseguisse transmitir ao leitor o conhecimento adquirido em campo por nós, por via das inúmeras viagens que realizamos com o objetivo de desenvolver atividades de nossos projetos de Turismo de Base Comunitária, aliando diversas outras experiências que sobremodo enriquecem nossos estudos.

Boa leitura!

Para saber mais, acesse



@gptbc_ufma



@tbc.santoamaro



@tbc.barreirinhas

Índice

1. Conhecendo o Turismo de Base Comunitária

1.1 Explicando as definições	11
1.2 Entendendo os princípios	12
1.3 Dúvidas e perguntas frequentes.....	15
1.4 Conhecendo mais.....	17
1.5 Fixando o conteúdo.....	18

2. Planejando e organizando o Turismo de Base Comunitária

2.1 Identificando a vocação turística.....	20
2.2 Mapeamento dos atrativos turísticos....	23
2.3 “Peneirando” os interesses e as aptidões comunitárias.....	24
2.4 Modelando iniciativas de TBC.....	25
2.5 Instrumentos básicos de gestão financeira de um negócio de TBC.....	27

3. Anexos

3.1 O que é Bioeconomia?.....	31
3.2 Sintetizando.....	32
3.3 Segurança Turística.....	33





**Mulheres do Quilombo
Cariongo | Projeto de
Turismo de Base
Comunitária/Ações
continuadas do PBACQ Vale.
Santa Rita, Maranhão**

PARTE 01: Conhecendo o Turismo de Base Comunitária (TBC)

1.1 EXPLICANDO AS DEFINIÇÕES

O Turismo de Base Comunitária (TBC) é um modelo de turismo que tem como protagonistas as comunidades locais. Nesta direção, estas concebem, planejam, gerenciam e empreendem para obter renda e ao mesmo tempo alcançar objetivos comuns. O TBC atende a diferentes tipos de turismo ou nichos de mercado, como turismo de aventura, cultural, rural, indígena, o afroturismo e ecoturismo. O diferencial entre cada segmento está baseado em produtos e serviços locais, de modo que o benefício econômico prioritário, resultante do turismo, seja direcionado às comunidades. O TBC valoriza a conservação de recursos naturais e culturais, as tradições locais e o estilo de vida das comunidades, além de promover oportunidades de aprendizado e interações equitativas e mutuamente benéficas entre os visitantes e a população local. Portanto, o TBC não se resume apenas a uma relação comercial entre visitantes e empreendimentos de turismo de um território ou localidade. Trata-se de um mecanismo integrado de desenvolvimento local sustentável por meio de atividades turísticas como hospedagem, alimentação e passeios.

A **Sustentabilidade** tem a sua origem no termo “desenvolvimento sustentável”, definida como aquela que atende às necessidades das gerações atuais, sem comprometer a capacidade das gerações futuras. Embutidas na maioria das definições de sustentabilidade, também encontramos atenções com relação a equidade social, desenvolvimento econômico e a conservação dos recursos naturais e culturais.



Maria Luduvica Costa Pereira,
líder comunitária do
Quilombo Saco das Almas
Brejo, Maranhão

1.2 Entendendo os princípios

Conservação da sociobiodiversidade

Todas as pessoas envolvidas no TBC, incluindo os visitantes, devem estar conscientes dos potenciais impactos socioambientais e precisam atuar de modo responsável e contínuo para reduzi-los e compensá-los. As atividades turísticas devem ser planejadas de um modo que contribuam para a conservação do ecossistema e dos modos de vida tradicionais. O TBC deve desenvolver ações de conservação e de educação ambiental.



Geração de trabalho e renda às comunidades locais

A dinamização da economia local é um dos princípios fundamentais do TBC. As estratégias e ações de promoção do TBC devem incentivar a criação de iniciativas locais, novos postos de trabalhos para o desenvolvimento de cadeias locais de fornecimento e ocupações em tempo integral e parcial. O TBC deve contribuir para aumentar, diversificar e qualificar a renda das famílias e seu poder de compra.



Sentimento de pertencimento e protagonismo comunitário

A comunidade deve participar ativamente da tomada de decisões em todos os espaços. O protagonismo comunitário se integraliza quando as pessoas assumem o papel de liderança na gestão do território e da atividade turística em todos os aspectos e níveis. Durante as vivências, o comunitário transmite ao visitante o orgulho de pertencer àquele lugar, ao mesmo tempo em que o olhar do turista fortalece cada vez mais esse sentimento e protagonismo.





Entendendo os princípios

Reconhecimento e valorização da cultura local



No modelo de TBC, deve-se buscar reconhecer e valorizar aspectos da história, da gastronomia/cultura alimentar, das celebrações e rituais, do artesanato, dos modelos e técnicas da arquitetura típica e dos saberes e fazeres culturais da comunidade. Trata-se de um movimento de resistência que prima pelo fortalecimento de suas raízes.



Fortalecimento da governança comunitária

A participação dos comunitários no processo da governança local é fundamental tanto para a preservação da natureza quanto para a gestão territorial e para a própria dinâmica do turismo. Isso pode resultar em agendas políticas estratégicas que possibilitem avançar em ações coletivas e aumentar as discussões em direção ao planejamento e à gestão das atividades e qualidade de vida. Assim, a comunidade fortalecida pode amplificar sua voz em contextos regionais, nacionais ou internacionais.

Repartição justa de benefícios

O TBC deve estabelecer regras claras de repartição dos benefícios gerados a partir das atividades turísticas. Estes benefícios devem ser compartilhados com quem trabalha diretamente estas, quer seja fornecedores de produtos e serviços indiretos, quer com a comunidade em geral, que compartilha seu espaço e sua cultura para esta atividade se desenvolva. Sem precisar falar, no entanto, que uma parte dos recursos deve ser direcionada para a conservação ambiental. O TBC implica, fundamentalmente, em uma melhor distribuição de renda oriunda do turismo.



Entendendo os princípios

Valorização da cooperação e da solidariedade



A ter por base o respeito à autonomia dos empreendimentos, a autogestão, o cooperativismo e a organização dos comunitários, o movimento do TBC busca se apoiar em princípios semelhantes aos da economia solidária. Isto significa que os empreendedores comunitários devem manter vínculos de fortalecimento da cadeia de produção, comercialização e consumo, baseados em princípios éticos, solidários e sustentáveis.



Hospitalidade comunitária

O encontro entre anfitriões e visitantes permite trocas de conhecimentos e experiências, o (re)conhecimento do outro, de sua cultura, o que constitui-se em oportunidades de aprendizagem para ambos. O processo da dádiva - dar, receber e retribuir - cria um ambiente propício ao bem estar social. Compartilhar saberes significa multiplicar conhecimentos e gerar comunicação. O acolhimento comunitário pode aproximar valores e humanizar as práticas turísticas.

Promoção do bem-estar social

O TBC deve ser um vetor de desenvolvimento local que promova a inclusão e a melhoria da qualidade de vida das comunidades envolvidas. O TBC deve, portanto, estar atento, acompanhar e contribuir para a redução das vulnerabilidades e riscos sociais existentes nas comunidades. Para tanto, precisa estar presente nos espaços de participação das comunidades e ter um olhar amplo sobre os múltiplos desafios que estas enfrentam.





1.3 Dúvidas frequentes

1. TODA ATIVIDADE TURÍSTICA REALIZADA POR UMA COMUNIDADE OU APENAS ALGUNS COMUNITÁRIOS PODE SER CONSIDERADA TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA?

Toda atividade turística em que todos - ou parte - os moradores de uma comunidade possuem poder de decisão, que gere renda digna e benefícios coletivos, e que ainda considera referenciais de sustentabilidade pode ser considerado Turismo de Base Comunitária.

2. QUANTO TEMPO LEVA PARA UMA COMUNIDADE ESTAR COM O TBC FUNCIONANDO E GERANDO RENDA?

O horizonte é de médio prazo, ou seja, entre 3 e 5 anos, dependendo do nível de envolvimento, responsabilidade, compromisso, ética e coletividade. Muitas experiências levaram cerca de 36 meses para iniciar o funcionamento. Entretanto, iniciativas mais pontuais podem ser iniciados de maneira mais rápida e funcionando como impulsionadores e indutores de outros que demandam mais tempo para serem estruturados e gerar valor. O processo de gestão autônoma integral de iniciativa turística por parte das comunidades, ou seja, atuando diretamente em todas as esferas dessa empreitada, por outro lado, tem demorado muitos anos, o que não deixa de ser natural devido ser um construção de caráter coletivo.

3. QUAIS AS ATIVIDADES RELACIONADAS AO TBC QUE AS PESSOAS DAS COMUNIDADES PODEM DESENVOLVER, E COMO INCENTIVÁ-LAS?

São exemplos de atividades: restaurantes/pontos de alimentação, que oferecem pratos com culinária regional, artesanato, hospedagem comunitária ou familiar, redários, condução de passeios, venda de souvenirs e realização de serviços tais como trilhas, avistamento de animais diversos, eventos e noites com atividades culturais. Além de experiências de aprendizado sobre a cultura local como oficinas de comidas e doces típicos, rodas de conversa, dentre outros. E mais: as pessoas podem ser incentivadas a participar de várias maneiras, em conversas informais e reuniões específicas ou comunitárias.



Dúvidas frequentes

4. COMO É FEITA A COMERCIALIZAÇÃO DOS PRODUTOS DAS INICIATIVAS COMUNITÁRIAS TURÍSTICAS?

Existem diferentes modos de comercializar os produtos turísticos de TBC. Um dos caminhos é mais direto, aquele em que os próprios empreendedores-comunitários e a comunidade promovem seus negócios e serviços por meio da internet, em especial nas redes sociais, e se encarregam de realizar suas reservas e vendas diretamente. Outra alternativa é por meio de agências e operadoras de turismo. Os empreendedores-comunitários se articulam com essas empresas turísticas, apresentando os seus portfólios (apresentação de sua lista de produtos/serviços) e preços. É importante, sobretudo, avaliar bem o perfil do parceiro para que este esteja alinhado ao dos serviços ofertados e dos clientes que se busca. Existem agências especializadas em TBC.

5. AINDA QUANTO À COMERCIALIZAÇÃO, QUAIS SÃO AS MAIORES DIFICULDADES NA VIABILIZAÇÃO DO TBC?

As dificuldades (i) de acessar os mercados, em especial o internacional (barreira linguística); (ii) de se comunicar de maneira eficiente com os clientes, considerando serem estes um público que requer bastante especialização; (iii) de monitorar e atuar proativamente para garantir a satisfação dos clientes; e (iv) de manter um padrão de qualidade da oferta.

6. QUAIS OS PROBLEMAS/IMPACTOS MAIS COMUNS E FREQUENTES DO TBC AO AMBIENTE NATURAL?

A geração de lixo é um dos aspectos mais apontados na literatura especializada, uma vez que é um dos itens mais percebidos pelos turistas. Mas existem outros exemplos de impactos: (i) o aumento de descargas sanitárias inadequadas com potencial contaminação de corpos d'água e águas subterrâneas; (ii) a perturbação na fauna pela circulação de pessoas nos seus habitats ou “domesticação” pela oferta de alimentos (prática usada para facilitar o avistamento de animais; (iii) pressão seletiva por sementes e outros produtos utilizados na confecção de artesanato; (iv) compactação do solo por pisoteamento e processos erosivos em sítios geologicamente frágeis; e (v) retirada de “lembrancinhas” como conchas, rochas e plantas do meio ambiente.



1.4 Conhecendo mais...

O QUE?

ONDE?

REDE BATUC

Turismo Comunitário da
Bahia em Movimento



LIVRO: LIÇÕES E REFLEXÕES SOBRE
O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA
NA RESERVA MAMIRAUÁ





1.5 FIXANDO O CONTEÚDO

A PARTIR DAS LEITURAS ANTERIORES, INDIQUE 4 PALAVRAS-CHAVE QUE ORIENTAM O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA E EXPLIQUE-AS:



FIXANDO O CONTEÚDO

COM BASE NOS PRINCÍPIOS RELACIONADOS ANTERIORMENTE, VOCÊ ACHA QUE A SUA COMUNIDADE PODE DESENVOLVER O TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA? SE SIM, QUAIS DELES MAIS SE SOBRESSAEM? E QUAIS OS DESAFIOS A SEREM ENFRENTADOS?



PARTE 02: Planejando e organizando o Turismo de Base Comunitária

É fundamental que as iniciativas de fomento do TBC estruturem os negócios com potencial para gerar um fluxo econômico positivo para as comunidades envolvidas. Em torno desses negócios, se formará uma rede de colaboradores, prestadores de serviços, fornecedores, operadores, agências parceiras e outros empreendimentos complementares, gerando um fluxo circular de renda derivado do anterior.

2.1 Identificando a vocação turística

O desenvolvimento de negócios em um destino de TBC deve partir do mapeamento de atrativos turísticos, que podem ser desenvolvidos e integrados aos produtos turísticos nessa modalidade. Este mapeamento é a base para identificar a vocação turística de um destino em potencial. Entretanto, a mesma não está limitada a este mapeamento. É necessário entender as relações entre esses atrativos e as dinâmicas locais, normas sociais, atividades produtivas existentes, experiências e aptidões dos empreendedores-comunitários na localidade. Esses comunitários vão influenciar a estruturação de negócios que em conjunto serão responsáveis pela oferta do produto turístico. Em outras palavras, de nada adianta a comunidade ter um determinado atrativo se não existir consenso de que ele pode ser utilizado para o TBC ou os comunitários não se sentirem confortáveis. Os moradores envolvidos no TBC precisam estar dispostos a desenvolver negócios relacionados ao mesmo. Esse momento de reflexão, análise e qualificação de atrativos identificados inicialmente é uma etapa do processo de definição da vocação turística que denominamos “peneira” de interesses e aptidões. Podemos, portanto, entender a vocação turística de uma comunidade como a união de seus atrativos com as aptidões e interesses próprios.

Perguntas norteadoras para mapear os atrativos turísticos da comunidade

Quais os principais pontos turísticos da comunidade ou proximidades?

O que é único (especial) na comunidade?

Existem árvores centenárias ou outras espécies de plantas que podem ser do interesse dos visitantes?

Quando os comunitários recebem amigos e parentes em suas casas, onde costumam levá-los para conhecer ou passear?

Quais atividades de lazer realizam na comunidade?

Existem animais facilmente avistados na comunidade e proximidades?

Perguntas norteadoras para mapear os atrativos turísticos da comunidade

Existem monumentos como ruínas de construções antigas, grutas, serras, cavernas, pinturas ou gravuras rupestres?

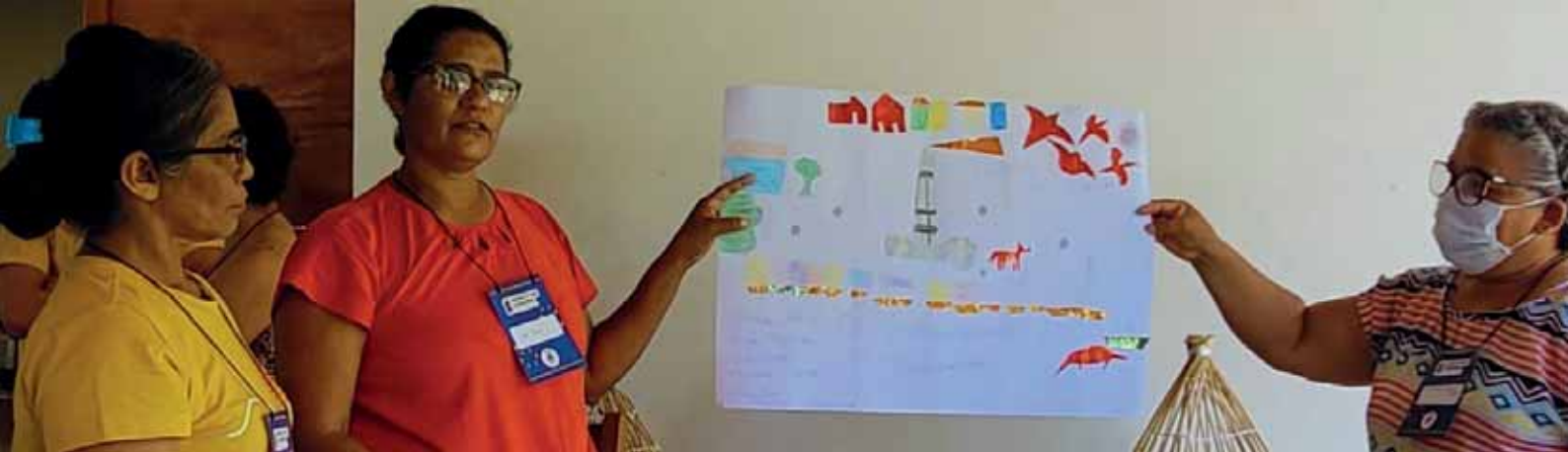
O que gostam de fazer no tempo livre para se divertirem?

Quais as histórias e tradições da comunidade? Existem grupos folclóricos, artísticos que mostram a cultura local?

Quais os pratos, receitas, produtos alimentares tradicionais e gastronomia local na comunidade?

A comunidade tem algum tipo de arte utilitária, artesanato próprio e diferenciado?

Quais os conhecimentos que a comunidade tem sobre saúde, medicamentos naturais e usos tradicionais das plantas, raízes e óleos vegetais?



Artesãs do Clube das Mães | Apresentação do Mapeamento Participativo Turístico Ambiente | Povoado Mandacaru, Barreirinhas, Maranhão

2.2 Mapeamento dos atrativos turísticos

Deve-se ter em mente que o turista está a procura de uma experiência autêntica, de mergulhar no cotidiano de um território, aprender seus costumes, tradições e modo de vida, conviver com a população local e acompanhar ou realizar atividades cotidianas. A participação em atividades de lazer, culturais e festividades também fazem parte deste processo de vivenciar a rotina da comunidade. Cabe salientar que a escolha dos atrativos turísticos deve ser feita de modo participativo e pelos membros das comunidades.

Alguns exemplos de atrativos turísticos comunitários

- Locais e histórias
- Elementos da natureza
- Atividades cotidianas
- Festividades
- Tradições
- Saberes locais
- Arte utilitária e artesanato
- Pessoas e suas habilidades
- Cultura alimentar e gastronomia locais
- Manifestações culturais



2.3 “Peneirando” interesses e aptidões

É importante listar todos os atrativos que a comunidade identifica como turísticos e ter interesse em compartilhá-los com potenciais turistas. Porém, nem todos os atrativos listados se tornaram atrativos turísticos definitivos. Antes de tudo, é importante saber que, para identificar a vocação turística, a comunidade precisa ter interesse e a aptidão para desenvolver o TBC.

Perguntas norteadoras para “peneirar” os interesses e aptidões da comunidade

- **Quais lugares e atividades poderão ser visitados e em que épocas do ano?**
- **Quais dos atrativos mapeados são lugares sagrados ou espaços na comunidade onde o turista não tem autorização para ir?**
- **Quais conhecimentos gostariam de transmitir e permitir que o turista acesse?**
- **O que o turista poderá aprender visitando a comunidade?**
- **O que a comunidade mais deseja que a sociedade conheça do seu território, da sua história e cultura? Por quê?**
- **Quais habilidades criativas existem ou podem ser despertadas entre as pessoas da comunidade que desejam trabalhar com turismo?**
- **Quem atua no artesanato ou tem interesse no tema?**
- **Quem possui habilidades com a cultura alimentar ou gastronomia local e sabe cozinhar ou se interessa em aprender?**
- **Quem conhece sobre usos medicinais de plantas locais?**
- **Quem tem disponibilidade e vontade de receber e hospedar pessoas em sua casa?**
- **Quem conhece a história da comunidade e de seus mitos e lendas?**
- **Quem na comunidade se comunica no principal idioma falado pelos visitantes ou tem conhecimento de línguas estrangeiras?**



2.4 Modelando Negócios de TBC

Após a identificação da vocação turística, na qual passamos pelo mapeamento de atrativos e pela “peneira” de interesses e aptidões, é chegado o momento de avançar na modelagem dos negócios de turismo.

É a partir do processo de idealização que se inicia a modelagem, definindo as premissas que vão permitir uma visão mais clara da proposta de um negócio associado ao TBC. A ideação pode utilizar diversas ferramentas, como o modelo de negócios “Canvas”, uma das mais conhecidas.

O Canvas é uma ferramenta visual de modelagem de ideias formada por nove blocos interconectados, capazes de criar uma visualização que representa os pontos-chave de um modelo de negócios, evidenciando a relação entre elementos como clientes, canais, proposta de valor, atividades principais, recursos principais, principais parcerias, fontes de receita e estrutura de custos, que estão organizados em blocos.

Um destino pode ter diversos produtos turísticos, segmentados por tipos de atrativos, época do ano, perfil de cliente, custo, tempo de permanência, entre outros aspectos.



Passos para organizar um produto turístico de TBC

- Identificar os locais que serão as bases do produto.
- Listar as atrações e atividades que serão realizadas em cada uma das bases.
- Organizar a agenda de atividades e o tempo de permanência em cada uma das bases.
- Organizar o deslocamento entre as bases de maneira a otimizar o tempo e a segurança do traslado.
- Organizar os meios de hospedagem para cada pernoite.
- Organizar oferta de alimentação que se adeque à agenda de atividades de cada dia.
- Estabelecer os demais serviços de apoio.
- Organizar os períodos (que podem ser de até 1 dia) para a chegada e partida dos visitantes do destino.
- Se possível, estabelecer alternativas para as atividades e agendas de cada dia, para casos em que não se possa cumprir o roteiro exatamente como previsto originalmente.
- Determinar limitações sazonais, perfil do cliente potencial (restrições para crianças), entre outros aspectos específicos.
- Determinar os custos de cada atividade e serviço de apoio, compondo o custo final do produto turístico.



2.5 INSTRUMENTOS BÁSICOS DE GESTÃO FINANCEIRA DE UM NEGÓCIO DE TBC

Os empreendimentos envolvidos no TBC devem fazer uso de pelo menos dois instrumentos de controle financeiro:

- o planejamento orçamentário
- fluxo de caixa

ORÇAMENTO

O orçamento é um planejamento financeiro que organiza todos os investimentos, receitas, despesas fixas e variáveis previstos para o negócio ao longo de um ano. Com base nesse planejamento, é possível definir as seguintes expectativas:

- Custos esperados para cada insumo necessário para o negócio.
- Preços a serem praticados para produtos e serviços oferecidos pelos negócios.
- Faturamento mínimo necessário para cobrir os custos fixos, chamado de ponto de equilíbrio.
- Resultado (lucro) do negócio no ano.



O que são custos fixos?

Os custos fixos no orçamento de um produto turístico são aqueles menos suscetíveis a apresentar variações conforme o número de turistas ou volume de vendas ou produção. Por exemplo: se o preço do frete de uma embarcação com capacidade para até 15 pessoas custa R\$ 400,00 para realizar determinado trajeto, independentemente de ter um ou quinze passageiros no passeio, o valor do frete se manterá o mesmo.

O que são custos variáveis?

Os custos variáveis se referem aos gastos que aumentam ou diminuem, proporcionalmente, ao nível de atividade. Aqui é possível ilustrar a partir do preço da refeição: imaginando que um almoço custa R\$ 30,00 por pessoa, no dia em que seis pessoas fazem o roteiro, o valor total arrecadado para produção do almoço será de R\$ 180,00, ao passo que numa próxima visita, quando 15 pessoas estiverem no passeio, este valor passará para R\$ 450,00.



Fluxo de caixa

O fluxo de caixa, em termos gerais, é o registro de todas as entradas e saídas de dinheiro do empreendimento. É um controle necessário para que as contas e os compromissos sejam pagos em dia, assim como a lucratividade do negócio siga ativa. A ausência de um bom fluxo de caixa pode impactar drasticamente o dia a dia de um empreendimento de turismo, principalmente porque este é um setor no qual a sazonalidade - alta e baixa estação - é intensa.



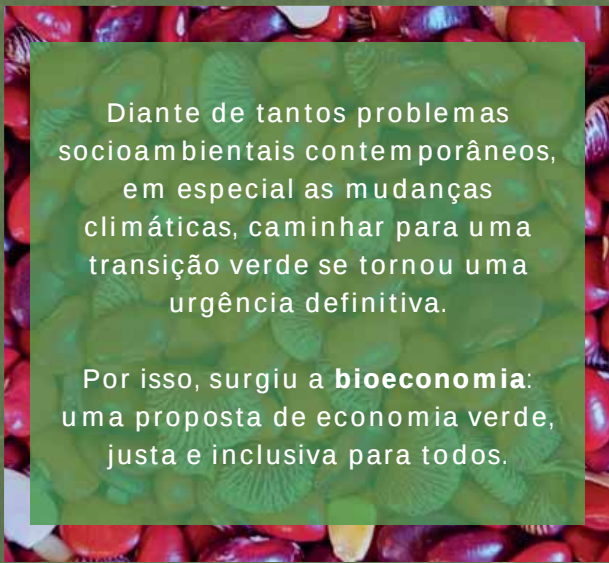
**Tutorial sobre fluxo de caixa
e orçamento em Português**



3. ANEXOS

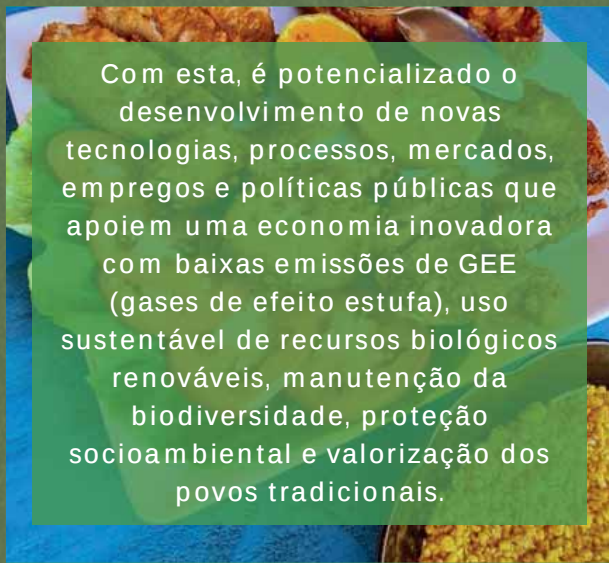


3.1 O QUE É BIOECONOMIA?



Diante de tantos problemas socioambientais contemporâneos, em especial as mudanças climáticas, caminhar para uma transição verde se tornou uma urgência definitiva.

Por isso, surgiu a **bioeconomia**: uma proposta de economia verde, justa e inclusiva para todos.



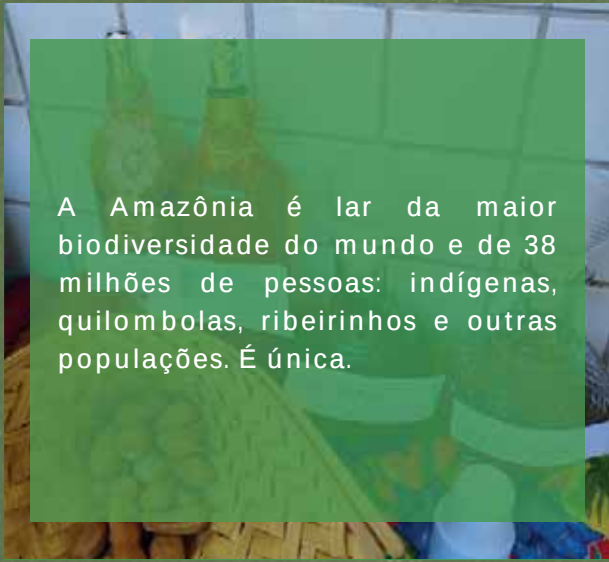
Com esta, é potencializado o desenvolvimento de novas tecnologias, processos, mercados, empregos e políticas públicas que apoiem uma economia inovadora com baixas emissões de GEE (gases de efeito estufa), uso sustentável de recursos biológicos renováveis, manutenção da biodiversidade, proteção socioambiental e valorização dos povos tradicionais.



Alguns produtos da bioeconomia são energias renováveis, alimentos funcionais, medicamentos, cosméticos, ecoturismo e moda. Todos contribuem para o desenvolvimento ambiental, econômico e social.



Mas essa transformação sustentável não pode ser feita por um único ator. Deve envolver cooperações internacionais, governos, iniciativa privada, organizações do terceiro setor e, o mais importante, a sociedade civil.



A Amazônia é lar da maior biodiversidade do mundo e de 38 milhões de pessoas: indígenas, quilombolas, ribeirinhos e outras populações. É única.

Fontes:

<https://www.ecycle.com.br/bioeconomia/>

<https://www.wribrasil.org.br/noticias/bioeconomia-o-que-significa-e-como-se-aplica-amazonia>

<https://jornaldaamazonia.org.br/o-que-e-bioeconomia-e-quais-sao-os-beneficios/>

<https://fasamazonia.org/publicacao/fo-mento-a-bioeconomia-e-ao-turismo-de-base-comunitaria-na-amazonia/>

3.2 SINTETIZANDO



3.3 SEGURANÇA TURÍSTICA

A segurança turística é concebida como um conjunto de medidas estratégicas que são tomadas e coordenadas pelo setor público tendo como referência as demandas do setor produtivo do turismo e sociedade civil para evitar inseguranças que possam vir a prejudicar o turista com acidentes ou incidentes. Além disso, precisam ser adaptadas e desenvolvidas com base em cada realidade e suas singularidades.

É condição básica que as estratégias de segurança desenvolvidas sejam fundadas em iniciativas exitosas, identificadas na literatura científica, e seus indicadores e controles, como também em experiências globais e protocolos aceitos por agências especializadas nacionais e internacionais. Essas estratégias devem ser implementadas, adaptadas e desenvolvidas com base na realidade, na diversidade regional e na pluralidade dos destinos turísticos brasileiros.

Tais medidas se referem aos seguintes indicadores: a) promoção de segurança e bem-estar às pessoas (turistas, fornecedores e prestadores de serviços, profissionais do turismo e populações residentes); b) proteção do patrimônio público e privado; c) valorização e salvaguarda dos atrativos culturais e ambientais; d) combate e/ou prevenção ao abuso e à exploração sexual de crianças e adolescentes; e) segurança ambiental e defesa civil; e f) incremento de políticas de segurança públicas nos destinos turísticos nacionais.

Para ilustrar exemplos dessas medidas, em um passeio de barco é necessário o uso de colete salva-vidas, velocidade reduzida, pilotos habilitados e manutenção periódica da embarcação. Por sua vez, passeio em veículo 4 x 4, é preciso a orientação do guia quanto aos locais de banho, consumo de bebidas e condutores habilitados.



Demonstração de salvamento aquático pela SOBRASA I Pipa, Rio Grande do Norte

MURAL DE FOTOS DOS PROJETOS DE TBC



Realizado o Depósito legal na Biblioteca Nacional
conforme a Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

TÍTULO	Cartilha de Turismo de Base Comunitária
AUTORES	Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo Maria Amanda de Vasconcelos
PROJETO GRÁFICO E CAPA	Maria Amanda de Vasconcelos Alexandre Burity
PÁGINAS	36
FORMATO	Digital

AUTORAS RESPONSÁVEIS PELA PRODUÇÃO DESTE MATERIAL E PARCERIA

Mônica de Nazaré Ferreira de Araújo



Doutora em Desenvolvimento socioambiental, professora do Departamento de Turismo e Hotelaria da Universidade Federal do Maranhão, líder do Grupo de Pesquisa em Turismo e Desenvolvimento Comunitário e coordenadora de projetos de pesquisa e extensão na região dos Lençóis Maranhenses. Atualmente, é coordenadora pro tempore do curso de Turismo.
e-mail: monica.nazare@ufma.br

Maria Amanda de Vasconcelos



Graduanda em Turismo pela Universidade Federal do Maranhão, voluntária e coordenadora-executiva no projeto “Turismo de Base Comunitária sob a perspectiva da Agricultura Familiar” desenvolvido na região dos Lençóis Maranhenses e membro do Grupo de Pesquisa em Turismo e Desenvolvimento Comunitário.
e-mail: maria.av@discente.ufma.br

